

Processos formativos em cinema e audiovisual

Glossário do Bem: um *podcast* sobre expressões politicamente corretas e incorretas¹

Thais Oliveira²

Ceição Ferreira³

Pollyanna Marques⁴

Kelly Ferreira⁵

Mikaela Esber⁶

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a produção do *podcast* *Glossário do Bem*, produzido pela Rádio UEG Educativa. Essa ideia surgiu como forma de discutir para o público interno da Universidade Estadual de Goiás, as origens e utilização de expressões de cunho preconceituoso. Dessa forma, a seguir discutiremos o politicamente incorreto e sua força no momento atual do país, falaremos sobre a seleção dos termos utilizados, a produção e a gravação dos áudios, divulgação e alcance.

Palavras-chave: Podcast. Rádio universitária. Politicamente incorreto. Glossário.

Resumo expandido: O *podcast* *Glossário do bem* foi criado na Rádio UEG Educativa no ano de 2021 e tem como objetivo historicizar e problematizar expressões que denotam sexismo, racismo, discriminação social e capacitismo, com a intenção de conscientizar a comunidade sobre a dimensão ideológica da linguagem e a importância de substituir tais termos por outros socialmente aceitos.

As palavras, as expressões e as línguas não são neutras e nós também não. A linguagem evolui com o tempo e com o uso que fazemos dela. Por isso, é necessário pensar o politicamente incorreto como uma arma política e social, que visa angariar adeptos, por motivos diversos (promoção de certos grupos políticos, racismo etc.). Di Carlo e Kamradt (2018), ao analisarem a retórica agressiva e politicamente incorreta do presidente Jair Bolsonaro, ressaltam que:

[...] o termo politicamente incorreto vem passando por batalhas discursivas. Isso não é exclusividade apenas do Brasil, com esse fenômeno também sendo visto nos Estados Unidos, onde tem sido usado por grupos que

¹ Trabalho apresentado à 10ª SAU 2021 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás.

² Pós-doutoranda em Comunicação na UFPE. Doutora em Performances Culturais pela UFG. Professora do curso de Cinema e Audiovisual da UEG e coordenadora da Rádio UEG Educativa. E-mail: thais.oliveira@ueg.br

³ Doutora em Comunicação pela UnB. Professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da UEG. E-mail: ceicaferreira@gmail.com

⁴ Graduada em Letras pela UFG. Estuda Cinema e Audiovisual na UEG. Atua na Coordenação de Radioteledifusão da UEG. E-mail: lyannacs@yahoo.com.br

⁵ Mestra em Linguagem pela UEG. Revisora de texto na UEG. E-mail: kelly.santos@ueg.br

⁶ Graduada em Cinema e Audiovisual (UEG). E-mail: mikaela030101@gmail.com

Processos formativos em cinema e audiovisual

buscam se amparar na primeira emenda da constituição estadunidense (que trata da liberdade de expressão) para defender discursos misóginos, violentos, racistas etc. No Brasil, o politicamente incorreto passou a ser apropriado por indivíduos que não respeitam as minorias (Id.ibidem, p.56).

Ao considerar expressões politicamente incorretas tão comuns no nosso cotidiano e contribuir para a sua reversão, principalmente entre a comunidade acadêmica, o *podcast Glossário do Bem*⁷ demonstra que o curso de Cinema e Audiovisual está atento às transformações sociais, culturais e políticas dos últimos anos, bem como os retrocessos que emergiram no país a partir das eleições de 2018, buscando assim contribuir com a formação crítica dos/das estudantes, pois “através da linguagem criamos consciência e talvez possamos modificar padrões de pensamento. Ao mudar a forma de escrever e falar podemos mudar também a nossa mentalidade e das pessoas com quem nos comunicamos”, ressalta André Fischer (2020, p.6).

A denominação de coisas/ações/pessoas está inserida em contextos sócio-culturais e suas relações de poder, por isso não devemos usar palavras e termos inadequados ou ofensivos para nos referir a diferentes grupos e comunidades.

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo. Audre Lord (A transformação do silêncio em linguagem e ação, Irmã Outsider)

Precisamos atualizar nossa linguagem para estar de acordo as reivindicações atuais de tais sujeitos por respeito, reconhecimento e visibilidade digna. Conhecer o histórico e os sentidos que cada palavra ou expressão carrega nos permite uma revisão de postura, pensamentos e ações que com esforço coletivo podem construir uma sociedade equitativa e diversa. É essa a intenção maior do *Glossário do Bem*.

Após a ideia sair do papel, para, de fato, a prática, buscamos inicialmente referências que nos orientassem, como por exemplo, o Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia (BASTHI, 2011) e publicações sobre linguagem inclusiva (FISHER, 2020; BARONAS; POSSENTI, 2006). Depois pesquisamos na internet as expressões politicamente incorretas mais comuns. Algumas foram sugeridas pelo

⁷ O podcast pode ser acessado em: <https://anchor.fm/rdio-ueg>

Processos formativos em cinema e audiovisual

nosso grupo de trabalho CriaLab (Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação) e por docentes que se interessaram pelo assunto. Assim, o primeiro passo foi fazer uma filtragem de expressões.

Dentre as opções listadas estão as palavras e expressões: mulata, paraíba, denegrir, baleia, LGBTQIA+, homossexualismo, traveco, mal-amada, serviço de preto, moreno/morena, feminazi, criado-mudo, cabelo ruim, a coisa tá preta, bucho cheio, retardado, surdo-mudo, alma branca, mercado negro, ovelha negra, pé na senzala, chuta que é macumba, pé de toddy, nhaca, lavar a égua, entre várias outras. Uma vez aprovadas, partimos para a pesquisa bibliográfica de cada expressão, suas origens, quando caíram em desuso (ou por que ainda continuam vigentes) e como substituí-las.

A equipe do podcast conta com a produção e pesquisa de Thais Oliveira, Kelly Ferreira e Pollyana Marques, estas duas últimas também assinam a direção e são as narradoras; a colaboração e revisão de Ceíça Ferreira, e edição de som de Mikaela Esber. Embora inicialmente o foco tenha sido o público interno da UEG, o *Glossário do Bem* teve um alcance maior e com vinte episódios produzidos até o momento, que tiveram o total de 870 ouvintes, ultrapassando assim as fronteiras da universidade e atingindo novos públicos.

Portanto, para nós é importante apontar uma sugestão de como evitar usar a palavra politicamente incorreta, já que geralmente se justifica seu uso com afirmações como, “mas não sei qual é o certo”, “estou acostumado”, “não falo com maldade”.

Reconhecer que nós nos tocamos uns aos outros na linguagem parece particularmente difícil numa sociedade que quer que acreditemos que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é ser inferior; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, ideias são sempre mais importantes que a linguagem. Para cicatrizar a fissura da mente e do corpo, nós, povo marginalizado e oprimido, tentamos retomar nós mesmos e nossas experiências na linguagem. (...). Nós tomamos a língua do opressor e a viramos contra ela mesma. Nós fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, liberando-nos nós mesmos na linguagem. (HOOKS, 2008, p.863)

De maneira didática e bem fundamentada em argumentos e dados, destacamos as limitações de tal posicionamento e o quanto aprender pode ser prazeroso e transformador. Além disso, enquanto veículo de comunicação, também reafirmamos o compromisso de elaborar conteúdos pautados pela pluralidade e pelo respeito à dignidade humana.

Processos formativos em cinema e audiovisual

Referências Bibliográficas

BARONAS, Roberto Leiser; POSSENTI Sírio. A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira? **Revista Polifonia**, v.12 n2. P 47-72. Cuiabá: Ed. UFMT, 2006.

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia**. Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011.

DI CARLO, Josnei; KAMRADT, João. Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018.

FISHER, André. **Manual prático de linguagem inclusiva**. Disponível em: https://irp-cdn.multiscreensite.com/87bdaac3/files/uploaded/mp11_2.pdf. Acesso em: 20/08/2021.

LORD, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação, Irmã Outsider**. Ensaio disponível na internet. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/27/audre-lorde-ensaio-irma-outsider/>

HOOKS, Bell. **Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens**. Revista Estudos Feministas. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 857-864, setembro-dezembro/2008. Traduzido e publicado com autorização de Routledge, Inc, a division of Informa plc. 2008.